

Ricardo Vieira, José Marques, Pedro Silva,
Ana Vieira e Cristóvão Margarido (orgs.)

O Olhar de Crianças e Jovens

Mediação Intercultural
e Intervenção Social

O Olhar de Crianças e Jovens
Mediação Intercultural e Intervenção Social

Ricardo Vieira, José Marques, Pedro Silva,
Ana Vieira e Cristóvão Margarido (orgs.)



Ao longo deste quarto volume, de uma série que pretende discutir questões ligadas à mediação intercultural e intervenção social, são apresentados justamente vários estudos em que crianças e jovens são ouvidos, escutados ativamente (a escuta ativa implica ouvir com o coração), assumindo-se como seres pensantes de si e dos outros, seja em condições socioculturais mais objetivantes ou mais subjetivas. Tornam-se, assim, as crianças e jovens sujeitos na investigação e não meros objetos estudados por adultos focados numa ciência positivista. Daí que o título da obra coloque ênfase no «olhar da criança e do jovem». Esta epistemologia, nas palavras de Raul Iturra, «contribui para sermos capazes de compreender a tensão entre a lógica da criança e a onnipotente sabedoria que o adulto pretende ter sobre esse saber infantil».

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UID/SOC/04647/2013

ICS.NOVA
CENTRO INTERDISCIPLINAR
DE CIÊNCIAS SOCIAIS



Agência nacional de educação
e ciência e tecnologia
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
RESEARCH AND INNOVATION FOUNDATION

Edições
Afrontamento
www.edicoesafrontamento.pt



Índice

Título: O OLHAR DE CRIANÇAS E JOVENS:

Mediação Intercultural e Intervenção Social

Organizadores: Ricardo Vieira, José Marques, Pedro Silva, Ana Vieira e Cristóvão Margarido

© 2019, Ricardo Vieira, José Marques, Pedro Silva, Ana Vieira, Cristóvão Margarido

e Edições Afrontamento

Capa: Edições Afrontamento / Departamento gráfico

Edição: Edições Afrontamento, Lda

Rua Costa Cabral, 859 – 4200-225 Porto

www.edicoesafrontamento.pt / comercial@edicoesafrontamento.pt

ISBN: 978-972-36-1777-1

Colecção: Textos/154

Depósito legal: 463184/19

N.º edição: 1981

Impressão e acabamento: Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira

geral@rainhoeneves.pt

Distribuição: Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.

Comercial@companhiadasartes.pt

Novembro de 2019

Este livro foi objeto de avaliação científica

Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), no âmbito do projeto UID/SOC/04647/2013.



Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais
CICS,NOVA,IPLeiria

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



Introdução	7
<i>Ricardo Vieira, José Marques, Pedro Silva, Ana Vieira e Cristóvão Margarido</i>	
Capítulo 1	
Fronteiras, hospitalidade e comensalidade em educação	11
<i>Teresa Vasconcelos</i>	
Capítulo 2	
Os <i>nem nem</i> : contributo para a construção de retratos sociológicos de jovens adultos que <i>nem</i> trabalham <i>nem</i> estudam, em Portugal	27
<i>Isabel Ferreira e Pedro Silva</i>	
Capítulo 3	
Comportamentos num mundo digital: o ponto de vista dos jovens e adolescentes	65
<i>Sílvia Reis e Ricardo Vieira</i>	
Capítulo 4	
Llamado de alerta a las escuelas; el femicidio nos rodea. Unidad educativa «Alicia Vélez»	99
<i>Katuska Alcivar e José Carlos Marques</i>	
Capítulo 5	
«Que ouçam a gente!»: o ponto de vista de crianças e jovens brasileiros sobre o seu papel na escola	129
<i>Dília Maria Andrade Glória e Pedro Silva</i>	
Capítulo 6	
Sobre desinformação, <i>fake news</i> e educação para a literacia digital	149
<i>Barry van Driel e Miguel Prata Gomes</i>	

CAPÍTULO 3

COMPORTAMENTOS NUM MUNDO DIGITAL: O PONTO DE VISTA DOS JOVENS E ADOLESCENTES

Sílvia Reis
Ricardo Vieira

DA PROBLEMÁTICA: BUSCANDO O PONTO DE VISTA DOS NATIVOS DIGITAIS¹

A problemática da investigação que apresentamos neste texto² assenta na compreensão das relações interpessoais dos jovens na Era Digital. Procuramos mostrar como se formam os laços, como são as interações entre eles e como convivem. É preocupação deste texto dar voz aos próprios nativos digitais ou buscar o ponto de vista dos nativos como lhe chama Clifford Geertz (1979).

As mudanças e as transformações são algo inevitáveis ao longo da vida e, talvez por isso, o projeto de vida de uma pessoa deverá ser encarado como algo dinâmico e inacabado, sempre em constante construção e reconstrução (Vieira, 2009). Como tal, o que se pretende com este estudo não é propriamente verificar. É, antes, sim, compreender esse olhar do outro³ ao invés de o julgar. As relações interpessoais diferem tendo em conta o contexto espacial e temporal, pelo que pretendemos produzir conhecimento científico que tenha em conta os sujeitos estudados, os jovens nativos e a sua perspetiva quanto às relações interpessoais que mantêm entre si e a importância dessas mesmas relações interpessoais para o apoio na construção das identidades na adolescência, fase crucial para que estas se estruturam de forma saudável.

(1) Os Nativos Digitais, são, como o próprio nome sugere, todos os que nasceram na Era Digital e que cresceram criando ligações digitais ou não digitais de forma inconsciente e natural e sem qualquer distinção entre elas.

(2) A investigação mais abrangente pode ser acedida em www.iconline.ipleiria.pt e constitui uma dissertação de mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social apresentada por Sílvia Reis à ESECS – IPEiria, orientada por Professor Ricardo Vieira, no ano de 2017 (Reis S., 2017).

(3) «The Native's point of view» (Geertz, 1979).

Segundo Chomsky (1975), os jovens devem aprender a relacionar-se uns com os outros, como seres humanos, o que implica estar frente-a-frente. Só assim se proporciona todo um conjunto de ações expressivas, como gestos, sons, vestuário, entre outros, que permitem a construção de um contexto facilitador da interpretação da mensagem emitida e possibilitador de *feedback* adequado. Quando se utiliza o ecrã⁴, essa ligação é indireta, na qual, à exceção de alguns casos, o emissor e o recetor da mensagem não se veem, ouvem ou sentem, o que impossibilita o acesso às habituais pistas não-verbais de contextualização.

Por seu lado, Turkle, na sua obra «*Life on the screen*» (1995), levanta dúvidas sobre os usos e abusos da tecnologia multimédia para o desenvolvimento da humanidade:

À medida que os seres humanos se confundem cada vez mais com a tecnologia e uns com os outros através da tecnologia, as velhas distinções entre o que é especificamente humano e o que é especificamente tecnológico tornam-se mais complexas. Estaremos a viver uma vida no ecrã ou dentro do ecrã? (p. 21).

O uso excessivo das tecnologias pode tornar-se uma obsessão perigosa. No fundo a culpa é dos humanos que se permitem ser comandados por um mundo aliciante que mostra o seu perfil perfeito, os amigos perfeitos, as frases feitas perfeitas, a atenção perfeita, mas irreal porque de facto está-se só. Será esta uma nova forma de solidão? Esta é uma das interrogações de Sherry Turkle na sua obra *Alone Together* (2011).

Em termos nacionais, os investigadores Cristina Ponte e José Alberto Simões (Ponte e Simões, 2015), produziram um estudo muito semelhante às questões que assomam esta, também nossa, preocupação científica. No livro «*Psicologia dos Comportamentos Online*» (Miranda, 2015), podem ser encontrados, num espaço dedicado aos comportamentos *Online* de Crianças e Jovens Portugueses, diversos testemunhos que dão voz a crianças e jovens dos 9 aos 16 anos que relatam os seus hábitos e formas de aceder à Internet e com que dispositivos e onde acedem mais frequentemente.

O objetivo fundamental deste estudo é, como já foi dito, procurar compreender a perspetiva dos jovens nativos digitais, relativamente ao uso das tecnologias. A procura do ponto de vista dos outros assenta numa busca pelo que é mais subjetivo e interior dos sujeitos, aquilo que não está à vista, aquilo que pode até trazer ambiguidades, mas que, sem dúvida, é essencial para a compreensão das representações que a alteridade tem de si e dos outros (Vieira, 2009).

⁽⁴⁾ Optamos por usar este conceito uma vez que são diversos os dispositivos à disposição das crianças e jovens, desde os telemóveis, até aos *tablets*, passando por relógios e outros *gadgets* mais sofisticados.

Esta perspetiva interpretativista bebe muito da investigação e teorização de Clifford Geertz. Em «*Native's point of view: Anthropological Understanding*» (1979), Geertz⁵ descreve o método utilizado para tentar determinar como os sujeitos que foram objeto de vários estudos seus se auto definem enquanto pessoas. A partir da ideia de círculo hermenêutico, descrita por Geertz (1979), a construção etnográfica depende da capacidade do observador se aproximar, a uma distância média, útil, ou seja, provida de noções práticas muito concretas e próximas do contexto vivido no quotidiano local e, por outro lado, de conceitos abstratos amovidos da experiência prática nativa propriamente dita. A harmonia entre estes dois lugares-olhares permite ao observador descrever, estruturar e interpretar componentes inerentes aos nativos, percorrendo, assim, caminhos fundamentais e instituídos que membros de um grupo sociocultural têm a respeito do mundo. Partindo desta abordagem, Geertz sustenta, contudo, não só a impossibilidade, mas a desnecessidade metodológica e epistemológica do antropólogo pretender tornar-se nativo. O esforço deste último deveria ir noutra direção, a qual seria precisamente a tentativa de encontrar um ponto de equilíbrio onde os pontos de vista nativos poderiam ser captados, capturados e seu universo de significados apreendido e interpretado (Geertz, 1979). Assim, o investigador munido de conhecimento inerente ao «estar dentro e estar fora» (Vieira, Marques, Silva, Vieira, e Margarido, 2018), procurou, ao entrar no contexto destes jovens, um lugar de fronteira (Caria, 2003), onde a observação não ficasse bloqueada pela história pessoal e conhecimento prévio do contexto sociogeográfico, mas usando-a para procurar o ponto de vista do outro sem se perder nele, realizando uma «etnografia reflexiva», em constante «vigilância epistemológica» (Marques, Faria, Silva, Vieira, e Lopes, 2016, p. 135). Ou seja, sem pretendermos tornar-nos nativos, também, e «questionar a racionalidade do interior sem olhares de espanto exteriores» (Marques et al., 2016, p. 140).

Dado o nosso interesse em compreender⁶ o ponto de vista dos jovens (Geertz, 1979), o livro «*Psicologia dos Comportamentos Online*» (Miranda, 2015) tem a vantagem de também «imprimir um enfoque analítico centrado nas pessoas e nas

⁽⁵⁾ Nascido em 1926, o antropólogo americano Clifford Geertz teve sua formação inicial em filosofia. Aconselhado por um ex-professor, inscreveu-se no Departamento de Relações Sociais de Harvard que tinha sido criado em 1946, para fazer o doutoramento. Ele e a esposa foram admitidos no curso de pós-graduação em Harvard em 1949. Partiu para a sua primeira experiência etnográfica em 1952, em Java. Entre muitas outras que se seguiram. Tornou-se membro do corpo docente do Instituto de Estudos Avançados de Princeton. A sua proposta metodológica de busca do *Native's Point of View* ficou clássica nos estudos de natureza etnográfica e é fundamental neste trabalho para fundamentar a importância do estudo do comportamento e representações dos jovens nativos digitais a partir do seu próprio ponto de vista.

⁽⁶⁾ Weber: http://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/ebook/EbookconceitoMaxWeber (consultado em 30/11/2016).

suas práticas e nas modalidades de apropriação dos novos dispositivos e ecrãs e não tanto na tecnologia em si» (Miranda, 2015, p. 27).

Como veremos adiante, a investigação foi realizada com alunos de uma escola secundária da Marinha Grande, sublinhando-se aqui as vozes de três jovens, um com 18 anos, outro com 15 e outro com 16 anos⁷.

DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS: AS NOVAS RELAÇÕES SOCIAIS

São diversos os autores que se dedicam ao estudo da cibercultura⁸ e da literacia digital, tais como Pierre Lévy (2000), Susana Henriques (2011)⁹, Castells (2005), Sartori (2000), etc., os quais foram sendo explorados ao longo deste trabalho e que realçam que o quotidiano das crianças e jovens é atualmente habitado por um mundo mais digital do que analógico, onde as transformações criadas pelas representações de convivência dos jovens e as alterações na formação de relações de amizade, de proximidade, de intimidade, nas interações com os pares, são inevitavelmente debatidas. Vale a pena refletir sobre o que diz Maria Assumpta Coimbra (2010) a propósito desta afirmação:

... é a situação cada vez mais vivenciada pelos denominados «cosmopolitas domésticos», isto é, cidadãos do ciberespaço, pessoas que experimentam o mundo sem sair dos seus lares domésticos. E ainda a condição rotulada como síndrome «*hikikomori*» no Japão, caracterizado pela hipercomunicação tecnológica e pelo afastamento físico imediato, em que os adolescentes substituem convívio e a comunicação física com a família pelos entretenimentos virtuais (Coimbra, 2010, p. 35).

Neste contexto, será que a afetividade entre as pessoas está a diminuir? Ficará esta geração da era digital (Geração Z¹⁰) menos humanizada ou sensibilizada para a convivência? Como é que os jovens demonstram as suas emoções para com os seus pares? Estas foram algumas das questões orientadoras que acompanharam toda a investigação e que pretendíamos ver pensadas e interpretadas pelos próprios jovens.

⁽⁷⁾ Idades na altura em que se realizou o trabalho de campo, entre janeiro e junho de 2016.

⁽⁸⁾ A cibercultura emerge do ciberespaço, um meio que se desenvolve a partir das interconexões entre as pessoas no espaço cibernético (Lévy, 2000).

⁽⁹⁾ <http://cies.iscte-iul.pt/publicacoes/ficha.jsp?pkid=3518> (consultado a 19/07/2017).

⁽¹⁰⁾ Segundo Levenfus (2002), a Geração Z compreende os nascidos a partir de 1993 e a letra Z refere-se ao seu comportamento de Zapear, ou seja, passar de um dispositivo para outro, ou mesmo sobrepondo-os, a televisão, a internet, o vídeo, o telefone, sem se deter em praticamente nenhum.

Turkle (2011) revela na sua obra um novo tipo de solidão, em que o próprio título, *Alone Together*, realça a ideia de que estamos todos conetados mas sós, e que somos um grupo de solitários que cria mais expectativas em relação às emoções e sensações que as tecnologias lhes podem proporcionar e não investe tanto nas relações diretas, que serão mais exigentes. Assim, e segundo esta autora, numa sociedade onde o tempo é tão precioso, nem as relações face a face escapam à necessidade impaciente de criar inúmeras ligações, mesmo que frágeis e instantâneas.

Sendo considerado habitual, por parte de um número significativo de jovens, estar sempre *online*, o que exclui quem não está, aceder às tecnologias também cria, efetivamente, desigualdades e exclusão entre os jovens. A própria escola faz muito do acompanhamento fora das aulas pela internet através do moodle e da troca de *e-mails* entre professores e alunos. Assim sendo, a internet é, cada vez mais, uma ferramenta essencial de trabalho, na escola, no apoio ao estudo e à realização e apresentação de trabalhos escolares. Quem não a tem pode sentir-se excluído ou ser excluído pelos outros, seja pelo seu grupo de pares ou até mesmo pela própria escola. E se todo o tipo de convivência é social, seja ela digital ou não, quando se fala em exclusão digital, infoexclusão, etc., automaticamente é de exclusão social que se trata.

1. Estarão os jovens da Era Digital a perder o tato humano, a sua humanidade?
2. Vivemos hoje as relações de forma mais descartável?
3. O homem digital será um homem mais desumano do que o homem pré-digital?
4. A linguagem não-verbal vai perder-se ou deixar de ser interpretável?
5. Estarão os jovens nativos digitais a perder a capacidade de encarar os outros face-a-face?

Estas foram outras questões que foram surgindo ao longo das muitas leituras que foram sendo feitas relativamente ao tema das relações interpessoais na Era Digital e a que se pretendeu obter respostas por parte dos sujeitos estudados, os referidos jovens nativos. E foi o que fizemos, de forma mais ou menos estruturada, com três entrevistas a três jovens, uma entrevista exploratória e duas entrevistas semiestruturadas, e de forma mais informal em entrevistas como conversa, em ambiente escolar, nos corredores, no bar, etc.

Os sujeitos deste estudo são jovens entre os 15 e os 18 anos a frequentar o ensino secundário de uma escola secundária sito na Marinha Grande, e um jovem de 18 anos que já ingressara no ensino universitário, que tinha feito o ensino secundário na escola secundária onde foi realizado o trabalho de campo, e ao qual recorreremos

para a realização de uma entrevista exploratória¹¹, no sentido de evitar uma visão etnocêntrica de questionar o tema. Assim, este tipo de entrevista foi essencial para clarificar o objetivo central e torná-lo pertinente e assertivo. Situados numa posição entre a nossa bagagem intelectual e o que provém da riqueza da diversidade do que a perspectiva do outro trouxe, num lugar de fronteira entre o investigador e o investigado (Vieira, 2009; Caria, 2003), recorreremos a este jovem, por um lado, pela vantagem de já conhecer o ambiente da mesma escola secundária; por outro lado, por ter já um certo distanciamento intelectual e físico decorrente do tempo volvido que permitia objetivar esta especificidade de convivência dos jovens com a literacia multimédia.

Para Bauman, o sociólogo que se dedicou a demonstrar quão fluída, líquida nas suas palavras e livros, é a sociedade pós-moderna, tanto em termos da família, do amor, da modernidade, etc., é perentório em mostrar o seu olhar crítico sobre as relações sociais assentes num mundo digital:

Os jovens que estão a nascer, a crescer e a amadurecer nesta transição do século xx para o século XXI também achariam familiar, talvez até óbvia, a descrição de Anthony Giddens do «relacionamento puro». O «relacionamento puro» tende a ser, nos dias de hoje, a forma predominante de convívio humano, no qual se entra «pelo que cada um pode ganhar» e se «continua apenas enquanto ambas as partes imaginam que estão a proporcionar satisfação suficiente para permanecerem na relação (Bauman, 2003, p. 117).

Convocando Giddens para a sua reflexão, Bauman sublinha que o atual «relacionamento puro»,

[...] não é, como o casamento um dia foi, uma «condição natural» cuja durabilidade possa ser tomada como algo garantido, a não ser em circunstâncias extremas. É uma característica do relacionamento puro que ele possa ser rompido, mais ou menos a bel-prazer, por qualquer um dos parceiros e a qualquer momento. Para que uma relação seja mantida, é necessária a possibilidade de compromisso duradouro. Mas qualquer um que se comprometa sem reservas arrisca-se a um grande sofrimento no futuro, caso ele venha a ser dissolvido (Giddens, 1992 citado por Bauman, Amor Líquido, 2003, p. 117).

(11) Quivy e Campenhoudt (Quivy e Campenhoudt, 2005), na obra «Manual de Investigação em Ciências Sociais, referem que «as entrevistas exploratórias têm como função principal revelar determinados aspetos do fenómeno estudado em que o investigador não teria espontaneamente pensado por si mesmo e, assim, completar as pistas de trabalho sugeridas pelas suas leituras» (p. 69).

A Internet surge na década de 90 e aprimorou-se até aos dias de hoje, velozmente, sendo talvez uma das criações do ser humano que este não compreende verdadeiramente. Esta é uma criação que evoluiu de forma descontrolada, tornando-se maior e mais complexa a cada segundo, o que dificulta o seu entendimento, estudo e acompanhamento. Com o surgimento possante de novas experiências sociais, de onde se destacam os novos usos do espaço público e as transformações nas formas de se relacionar e comunicar, veio comprovar-se que esta Era Digital agiliza as conexões entre as pessoas, no mais variado tipo de relações, sejam elas pessoais ou profissionais, permitindo uma comunicação entre si nunca antes possível ou imaginada. Esta influência tecnológica, especialmente os dispositivos móveis e a internet, atinge vários aspetos da vida em sociedade, como confere o sociólogo Anthony Giddens¹²: «[...] a disseminação da tecnologia da informação expandiu as possibilidades de contactos entre as pessoas ao redor do planeta» (Giddens, 2005, p. 64).

Já Pierre Lévy (2000), que explora a cultura cibernética de uma forma mais centrada, menciona, no início do seu livro Ciberultura, que «[...] se põe muitas vezes a questão do «impacto» das novas tecnologias da informação sobre a sociedade ou a cultura» (Lévy, 2000, p. 21). O filósofo e antropólogo considera inadequado o uso da palavra impacto, por se tratar de uma «metáfora balística», como se as tecnologias viessem de outro planeta para ocupar este mundo, quando, pelo contrário, estas são criação do homem e para seu usufruto. Assim, para ser referida a palavra impacto, a tecnologia teria que ser considerada como um fator externo que ataca a sociedade e causa prejuízos e danos e a cultura e a sociedade a algo vivo» (Lévy, 2000, p. 21). Comumente podem ser encontradas na literatura discussões que tratam dos «impactos» da tecnologia como forma de tratar das implicações, consequências, transformações e resultados gerados, direta ou indiretamente, por ela.

Apesar de todos os benefícios que a Era Digital nos trouxe, esta é igualmente contemplada com inúmeras questões relativas aos malefícios que acarreta e toda a carga que as palavras que os descrevem têm influência na interpretação que é feita e consequentemente nas suas representações (Lévy, 2000).

São cada vez mais as pessoas ligadas à Internet e este crescimento frenético pode provocar um descontrolo inquietante, pois esta interligação acontece, grande parte das vezes, sem questionamento ou conhecimento das reais consequências, boas ou más, que podem advir deste «entrar no escuro». Teme-se, à partida, o desconhecido, mas a curiosidade e a descoberta de algo novo seduz. E a realidade é que fazer parte da ciberultura é, hoje, fazer parte da cultura, do meio onde está inse-

(12) <https://damas20162.files.wordpress.com/2016/08/giddens-anthony-sociologia.pdf>, consultado em 26/7/2017.

rido, de um contexto atual e o homem é um ser social, portanto é muito importante este sentir-se incluído, se achar que é necessário. Claro que também há quem não ache imprescindível para a sua vida estar conectado constantemente (Canclini, 2004), seja por opção, interesse, seja porque não tem essa possibilidade. No entanto, quer se queira ou não, o facto de estarmos conectados com o mundo digital distingue-nos dos que não estão, pois a convivência é mais simples entre os que se identificam uns com os outros e têm pontos em comum. Esta será sempre uma característica humana, da convivência humana e não surge por causa da Internet. A mudança é lenta e dolorosa e será mais, ainda, para os que resistem e não se adaptam facilmente. E isso, para qualquer situação na vida, distingue-nos, uns dos outros, e cria conflitos, tensões (Vieira, 2013). Mas será assim tão negro o quadro que pinta Lévy no seu livro *Cibercultura* (2000)? Será que os jovens se veem desta forma tão irreflexiva em relação ao (des)conhecido?

Nesta investigação observou-se uma naturalidade e uma visão relativamente à Internet e ao que lhe é referente, muito mais saudável e consciente, pois, de tudo o que retirámos ao falar com os jovens, havendo exceções, naturalmente, compreendemos que estes exploram o que a Internet lhes fornece de forma crítica, inteligente e útil, dispondo de todo o proveito que podem tirar dela, incluindo-a espontaneamente no seu quotidiano.

Os Nativos Digitais, também denominados de «Homo Zappiens¹³», «Homo Virtualis» ou Geração Z, são, como o próprio nome sugere, todos os que nasceram na Era Digital e que cresceram criando ligações digitais ou não digitais de forma inconsciente e natural e sem qualquer distinção entre elas. Os autores John Palfrey e Urs Gasser (2011) destacam:

Aqueles que nasceram digitais não se lembram de um mundo em que as cartas eram datilografadas e enviadas, muito menos escritas à mão, ou em que as pessoas se reuniam em bailes formais em vez de no *Facebook*. A face em mutação dos relacionamentos humanos é uma segunda natureza para alguns e um comportamento aprendido para outros (Palfrey e Gasser, 2011).

Ao longo da obra «Nascidos na Era Digital», Palfrey e Gasser (2011) enfatizam as diferenças que existem entre os Imigrantes Digitais e os Nativos Digitais, sendo que os primeiros, como se pode prever, nasceram antes da Era Digital, distinguindo as diversas formas de utilizar a Internet também entre gerações. Algo que poderá

⁽¹³⁾ Aquele que procura desenfreadamente pela imagem ou programa que o espante, mas que dificilmente encontra, fazendo com que esta seja, maioritariamente, uma busca incessante e inalcançável. (Vieira, Educação e Diversidade Cultural, 2011, p. 153). «O *Homo sapiens* é um processador ativo de informação, resolve problemas de maneira muito hábil, usando estratégias de jogo, e sabe se comunicar muito bem» (Veen e Vrakking, 2009).

ser discutível entre vários autores. Por exemplo, também na obra «*Psicologia dos Comportamentos Online*» (Miranda, 2015), podem ser encontradas evidências disso mesmo:

Prensky defende que pais e educadores são, na melhor das hipóteses, «imigrantes digitais», que falam uma linguagem ultrapassada (a da era pré-digital), e pelem-se para ensinar uma população juvenil [os «nativos digitais»] que fala uma linguagem inteiramente nova (citado por Miranda, 2015, p. 38).

Este autor segue no mesmo sentido do percurso analítico de Tapscott (1998), o qual também define de forma explícita as diferenças dos comportamentos pré-digitais e pós-digitais, baseadas em contextos diferenciados entre gerações. Estes autores baseiam-se num paradigma da simplicidade¹⁴, ou seja, um positivismo apoiado em números e esquecendo as variantes complexas do ser humano como podendo ser um sujeito ativo e adaptável, independentemente da geração a que pertence.

Buckingham (citado por Miranda, 2015, p. 38)

[...] é cauteloso quanto a esta argumentação, já que os significados e usos da tecnologia variam de acordo com vários fatores para além da idade. Ademais, alega que definir fronteiras de uma geração é uma tarefa muito mais complexa do que simplesmente defini-la através do seu relacionamento com uma tecnologia específica ou meio de comunicação.

Assim, também não será consensual definir quando é que uma geração termina para dar lugar à seguinte. Limitar os comportamentos humanos com base em fatores estanques, como a idade, terá sempre um resultado incompleto, acusando, assim, um «reducionismo positivista».

DOS PRESSUPOSTOS EPISTEMOLÓGICOS: O ESTUDO COM OS JOVENS

Nesta investigação clarifica-se e sublinha-se o paradigma fenomenológico ou interpretativo, apesar da indispensável indissociabilidade entre métodos qualitativos e quantitativos, como referem os autores Susana Faria e Ricardo Vieira:

⁽¹⁴⁾ Edgar Morin, nascido em Paris a 8 de julho de 1921, é um sociólogo, antropólogo, historiador, filósofo, considerado um dos maiores pensadores contemporâneos e apresenta na sua obra «*Introdução ao pensamento complexo*», os paradigmas da simplicidade e da complexidade e a importância de conhecer um para compreender o outro. «Com esta vontade de simplificação, o conhecimento científico consagrava-se à missão de revelar a simplicidade escondida por detrás da aparente multiplicidade e da aparente desordem dos fenómenos».

[...] não podemos falar de investigação qualitativa ou, no seu contrário, quantitativa, como se, efetivamente, fossem mesmo oposições pois, como dizemos reiteradamente, parafraseando Basarab Nicolescu, «um pau de dois bicos» (Nicolescu, 2000). E se partirmos o pau a meio, dá dois paus, cada um com dois bicos. A realidade é complexa e está para além de dois extremos considerados opostos (Faria e Vieira, 2016, p. 115).

Nesta abordagem interpretativa e compreensiva, optou-se, fundamentalmente, pela observação direta, primeiro distanciada, depois participante, pelo uso do diário de campo, pelo recurso a entrevistas como conversa (Burgess, 1984) e entrevistas semiestruturadas, e por técnicas de recolha de dados e seu tratamento, as quais são explanadas mais pormenorizadamente no ponto seguinte.

O conceito de identidade é polissémico e complexo, pois atravessa as mais diversas áreas do conhecimento, como a Antropologia, a Psicologia, a Sociologia e a Filosofia, pois o seu objeto de estudo é o mesmo, o ser humano (Vieira, 2009).

O Homem atual é um sujeito pós-moderno, num processo de identificação oscilante e instável, que assume as mais variadas identidades dependendo do contexto e, por vezes, contraditórias, derrubando a identidade estanque e previsível de outrora. Como argumenta Hall, «O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única identidade, mas de várias identidades» (1999, p. 12).

Portanto, de acordo ainda com Hall (1999, p. 13), a «identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam».

A pós-modernidade de Hall pode ser vista como a «Modernidade Líquida»¹⁵ de Bauman (2001), um paradigma que veio sustentar a transição de uma sociedade «sólida», onde as «identidades fixas» prevaleciam, para uma sociedade «líquida», agitando os pilares da identidade, os quais, segundo o autor, são facilmente permeáveis e ajustáveis à fluidez e velocidade das transformações decorrentes, sendo consideradas por este autor como «identidades líquidas» ou em gerúndio (Vieira, 2009).

¹⁵ Bauman refere-se ao termo «modernidade líquida», com o objetivo de retratar a fluidez das relações do mundo contemporâneo. Este conceito contempla o conjunto de relações e as dinâmicas existentes no contexto contemporâneo e que divergem bastante das que se estabeleceram no que Bauman chama de «modernidade sólida», pela sua fluidez e volatilidade. «Modernidade Líquida» é um conceito que atravessa um grande período da história humana e da mesma forma marca mudanças no pensamento e nas relações entre seres humanos e instituições sociais (Bauman, Modernidade Líquida, 2001).

A adolescência é uma etapa da vida humana marcada por profundas transformações fisiológicas, psicológicas, sociais vivenciadas de forma diferenciada dependendo do contexto cultural. Esta é uma fase importante no processo de consolidação da identidade, onde a amizade e o sentimento de pertença com o grupo de pares são bastante valorizados. A identidade constrói-se tendo em conta as representações feitas por nós, bem como as interações e os confrontos entre as representações que os outros fazem de nós e as que nós fazemos de nós próprios, erguendo-se num jogo de identificações e diferenciações. Ricardo Vieira, na sua obra «Identidades Pessoais» (2009), relativamente ao conceito de identidade refere que:

É um processo idiossincrático que nos permite afirmar a nossa diferença face aos demais com os quais nos poderemos identificar sócio ou culturalmente. Há toda uma série de elementos linguísticos, culturais, ideológicos, territoriais que são estruturantes do grupo com o qual nos identificamos e que, por conseguinte, estão de certa forma inscritos na nossa identidade [...] a identidade não pode ser definida de forma simplista, como sendo apenas um somatório de todas as partes [...] O sujeito está longe de ser apenas um mero recetor de culturas, ele faz o processamento de todas as informações que lhe vão chegando e a forma como o faz é o que o torna um ser único e singular (p. 48).

Na obra «Psicologia dos Comportamentos *Online*», surge uma investigação que defende que a identidade social *online* manteve as premissas da identidade social tradicional, quando muito complementou-a, ou seja, ao contrário do que se previu, a Internet não teve tanto o efeito individualizante presumível mas, o inverso, isto é, ignorou as desigualdades sociais, integrando nesta comunidade todos os que pretendam aceder-lhe, independentemente de onde vêm, do que pensam, do que são, criando assim pontes para ligar pessoas que, sem a Internet, improvavelmente se cruzariam (Miranda, 2015, p. 251).

Neste sentido, pode afirmar-se que a identidade digital complementa a identidade social que por sua vez é não mais do que um tipo de identidade nesta sua particularidade composta de que é detentora (Vieira, 2009).

A convivência é uma das palavras-chave centrais nesta pesquisa e é, portanto, essencial que se explore conceptualmente. Segundo Jares (2007), «Conviver significa viver uns com os outros baseando-nos em determinadas relações sociais e em códigos de valores, necessariamente subjetivos, no espaço de um contexto social determinado» (p. 27). A convivência constrói-se, assim, nos espaços onde acontecem as relações sociais e onde se vivem e transmitem os códigos de valores subjetivos. São os diferentes contextos sociais onde nos integramos e onde entramos em relação com os outros, também designados de espaços de socialização. Xesus Jares, apresenta nesta obra, os espaços que considera mais importantes: a família,

o sistema educativo, o grupo de pares, os meios de comunicação, os espaços e instrumentos de ócio e o contexto político, económico e cultural dominante. É na família, ou melhor, são as famílias (diferentes entre si e dentro de si) que nos acolhem no nosso primeiro contacto com a vida, o mundo, as relações, e é aí que acontecem também os primeiros hábitos do conviver. Inevitavelmente, essa aprendizagem constrói-se com base em diversas variáveis da constituição da própria família e dos elementos da mesma. O sistema educativo surge de seguida como fundamental na aprendizagem da convivência, introduzindo de forma mais acentuada os aspetos culturais da convivência com os outros, diferentes do eu. O grupo de pares surge também como estímulo e espaço importante do conviver, do viver com outros portadores de semelhanças com o eu. Os meios de comunicação, de que Jares salienta a televisão, influenciam com a transmissão de posições e valores muitas vezes deturpados e tendenciosos de forma disfarçadamente intrusiva. Também os espaços e instrumentos de ócio, os momentos e recursos da brincadeira, do jogo, do lazer, têm inerente uma pesada carga de valores e práticas nem sempre favoráveis a uma convivência efetiva e saudável.

Xesus Jares refere, também, um outro espaço de construção da convivência que é o contexto político, económico e cultural dominante como sendo condicionador de todo esse processo de conviver uma vez que engloba desde logo todos os outros espaços referidos anteriormente.

A este respeito, o mesmo autor destaca a influência das políticas neoliberais e conservadoras como desfavoráveis à convivência democrática e respeitadora dos direitos humanos. Este contexto, entre outros aspetos, leva a que se acentua uma maior desigualdade social, principalmente pela anulação progressiva do exercício da cidadania, da participação social e, por conseguinte, da democracia.

No que diz respeito às potencialidades dos espaços de construção da convivência, penso que este último, pelo seu carácter global e de enquadramento dos outros espaços, será o espaço chave de intervenção no sentido da busca de relações sociais saudáveis com a valorização plena de cada um e por cada um dos seus intervenientes. Por outro lado, não podemos esquecer que o contexto político, económico e cultural surge precisamente a partir das famílias, do sistema educativo, dos grupos de pares, dos meios de comunicação, dos espaços e instrumentos de ócio, como de muitos outros fatores. Pensamos que todos estão interligados pelo que as potencialidades de cada um só serão evidentes se exploradas no seu conjunto, respeitando as particularidades de cada espaço.

A respeito de todos os espaços referidos anteriormente, a Internet inclui-se neles todos nas suas mais diversas formas, o que integra a ciberconvivência de forma cada vez mais natural. Assim, o que poderia ser uma forma de convivência separada dos outros espaços complementa-os. Como refere Daniel, na entrevista exploratória,

Nós não vemos as redes sociais como um fim, é um meio... um meio para levar a cabo as outras atividades sociais mais diretas.

Assim, a Internet considera-se um meio utilizado para facilitar a convivência à distância, apenas e quando a proximidade não é possível.

Pierre Lévy alude no seu livro «Cibercultura» (2000):

Pode parecer estranho falar de «movimento social» a propósito de um fenómeno habitualmente considerado como «técnico». Eis todavia uma tese que tentarei sustentar: a emergência do ciberespaço é o fruto de um verdadeiro movimento social, com o seu grupo *leader* (a juventude metropolitana educada), as suas palavras de ordem (interligação, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e as suas aspirações coerentes (p. 127).

Como refere Daniel na entrevista exploratória a que aludimos já,

[...] quem vê isso de fora, quem não usa a internet para essas coisas... internet, pronto as novas tecnologias, não usa para socializar e pensa que esse método para socializar não é válido. Grande parte... Mas para mim é tão válido como se estivessemos cara a cara [...].

O caso de Daniel mostra uma posição, a de um jovem nativo digital, que contraria a linguagem adultocêntrica que pode ser encontrada nas várias literaturas alusivas ao tema do Mundo Digital que divide espaços de convivência. Numa perspetiva de mediação intercultural deve ser sempre promovida a ligação e não a divisão entre o que é a cultura digital e a cultura «analógica», para que o diálogo prevaleça, em detrimento do afastamento, pela diferença.

DO CAMINHO PERCORRIDO...

O processo de estudo dos jovens nativos digitais, alunos de uma escola secundária da Marinha Grande, começou com a realização de uma entrevista exploratória, com um jovem de 18 anos saído recentemente da escola secundária, a mesma que é frequentada pelos jovens estudados posteriormente e que considera a internet e o mundo virtual como um meio, uma utilidade e não um fim. Daniel admite, contudo, que os mais novos possam não ter ainda essa perspetiva. Além disso, para Daniel há também um exagero da sociedade dos adultos quando se refere aos jovens como um todo uniforme que só pensa em *likes* nas redes sociais. Para ele as redes sociais são um meio e não um fim, o que é exatamente o contrário do que ele pensa serem os estereótipos dos adultos:

Acho que as pessoas que estão fora da comunidade jovem que usa as redes sociais, acham que esse grupo de pessoas é muito maior do que realmente é, mas não é, as pessoas que usam o Facebook, pronto aquelas que têm 30 mil likes em cada foto, são muito poucas pessoas... e as outras pessoas olham para essas e dizem, pelo menos eu, «eu não quero ser assim»... pode haver outras que também querem... parte da comunidade desdenha, mas a outra não grama essas pessoas. Nós não vemos as redes sociais como um fim, é um meio... um meio para levar a cabo as outras atividades sociais mais diretas.

A dúvida que Daniel levanta sobre a possibilidade dos jovens mais novos que ele não terem necessariamente a sua opinião faz-nos levantar algumas questões, tais como:

- Será que a perspectiva do Daniel mudou devido ao facto de estar hoje noutra contexto, o universitário, com novos projetos, novos amigos, novos professores, etc.?
- Quais serão os projetos de vida dos adolescentes mais novos que o Daniel?

Após esta entrevista exploratória, que permitiu a descentração do adulto que habita no investigador, e que permitiu realizar aprendizagens sobre a maneira de pensar dos jovens nativos digitais e, portanto, já mais provida de um entendimento menos desigual relativamente aos jovens da Era Digital que foram entrevistados, com idades entre os 15/16 anos, avançamos para o terreno inicial da investigação: a escola frequentada pelos mesmos.

Nessa escola secundária, observámos e auscultámos vários alunos, do ponto de vista fenomenológico e etnográfico (Faria e Vieira, 2016); (Marques et al., 2016); (Caria, 2003), com a intenção de compreender a forma como se veem estes jovens a si próprios enquanto nativos digitais; como se observam nas suas relações de convivência; que valores atribuem aos signos da comunicação, sejam eles os beijos e os abraços, ao contacto quando estão próximos, e à comunicação multimédia, sejam os *likes*, os *smiles*, os *emojis*, etc. A busca do ponto de vista dos nativos digitais para ajudar a compreender e a definir melhor a juventude que, de forma natural e inconsciente, habita, ou não, os dois mundos, o analógico e o digital, contemporâneos, nativos da sociedade digital, sem olhares etnocêntricos, alimentou sempre esta pesquisa e a forma de estar no terreno. A utilização de um diário de campo como ferramenta de recolha de dados e de registo de observações de casos, acontecimentos, interações, etc, quer dentro da escola quer nas suas imediações foi essencial ao longo de todo o trabalho de campo.

Ouvindo os jovens à medida que íamos estando com eles e de forma cada vez mais espontânea, com entrevistas como conversa (Burgess, 1984), foi emergindo

uma maior diversidade de modos de convivência, que não seria tão rica caso nos restringíssemos exclusivamente a entrevistas estruturadas. Recordando a entrevista exploratória ao Daniel e a observação do recreio da escola e das interações nos pátios, uma vez que o pedido de assistir às aulas acabou por ser recusado, serviram para fazer a aproximação à cultura dos jovens nativos e aprender a pensar e a questionar como eles. A partir daqui foi possível fazer guiões muito abertos e sintéticos para promover conversas a partir do mundo destes sujeitos e não da curiosidade dos adultos sobre os mesmos. Este trabalho etnográfico aproximou-se, assim, do método biográfico que, segundo Amado e Ferreira (2013),

visa captar, através de um relato ou narrativa a interpretação que determinada pessoa faz do seu percurso de vida, com a respetiva diversidade de experiências e sentimentos pessoais que tiveram lugar ao longo do tempo e por fases, nas mais diversas circunstâncias ou contextos e em ligação com uma multiplicidade de sujeitos (e. g. pais, irmãos, colegas, patrões) e de sistemas (e. g. família, escola, emprego) (p. 169).

O investigador foi-se sentindo cada vez mais capaz de estruturar as entrevistas que acabou por fazer apenas a dois jovens, o Carlos e o Bruno, quando ganhou consciência de que esta metodologia era intensiva e que precisava de muito tempo quer para a recolha quer para o tratamento dos dados. Como refere Marques et al.,

quanto ao tratamento dos dados, que no fundo são as vozes dos sujeitos investigados, captadas em contexto naturalístico, e, depois de muita confiança entre o investigador e o investigado, conseguida durante o trabalho de campo de natureza etnográfica (Vieira, 1998), ele segue a vulgata da análise de conteúdo dita por tantos de «qualitativa» ou de discurso (Poirier, Clapier-Valladon e Raybaut, 1995; Guerra, 2006), que se distingue da análise de conteúdo de Laurence Bardin (Bardin, 1977) que tende a ser mais verificacionista (Marques et al., 2016, p. 138).

Essas entrevistas dirigiram-se, de uma forma mais estruturada e direcionada, para as questões fundamentais da problemática científica enunciada de início. Num segundo momento, optámos pelo uso da entrevista semiestruturada individual, para levar os jovens a comparar, não só a definir, signos e a sua hierarquia, estes dois mundos que ainda habitam e, não menos importante, a refletir sobre si mesmos e sobre os seus comportamentos. Estamos, assim, perante um estudo de natureza casuística de base indutiva onde se seleccionou, de forma mais ou menos aleatória, dois casos de jovens a frequentar o ensino secundário, com quem foi nascendo uma maior proximidade e interesse por conversar sobre estes temas durante o trabalho de campo realizado entre janeiro e junho de 2016.

A última etapa do trabalho de campo consistiu na realização de entrevistas individuais para analisar dois contextos de convivência dos jovens, na escola, em casa e com os pares, e um caso de um jovem de 18 anos que ingressou recentemente o ensino universitário e que teve mais ou menos um percurso semelhante para ser feita uma comparação, contrapondo estes casos e as suas metamorfoses identitárias ocorridas com as transições entre níveis de ensino.

Como «toda a observação e interpretação são seletivas» (Marques et al. 2016, p. 140), convém reforçar que, antes de avançarmos para as entrevistas semiestruturadas, passámos cerca de três meses a observar o terreno e a ganhar a confiança destes jovens para poder recolher informação mais credível do ponto de vista do entrevistado. A este propósito nunca é demais recordar os ensinamentos de Geertz que refere que

para descobrir quem as pessoas pensam que são, o que pensam que estão fazendo e com que finalidade pensam que o estão fazendo, é necessário uma familiaridade operacional com os conjuntos de significado no meio dos quais elas levam as suas vidas. [...] Isso requer aprender como viver com eles, sendo de outro lugar e tendo um mundo próprio diferente (citado por Marques et al., 2016, p. 140).

Feita a recolha de dados procedeu-se à transcrição e análise e discussão dos mesmos como é apresentado de seguida.

Finalmente, dizer que há uma história que está na origem desta investigação em concreto, que foi vivida por um dos autores, e que muito contribuiu para a construção da problemática que aqui é estudada com jovens nativos digitais. Ela não nasce depois de uma noite bem dormida de sono. Como afirma Pierre Bourdieu,

a construção do objeto – pelo menos na minha experiência de investigador – não é qualquer coisa que se faz de uma vez por uma espécie de ato inaugural, e o programa de observações ou de análises através dos quais ela se efetua não é um plano que se desenha *a priori*, como faz um engenheiro (citado por Faria e Vieira, 2016, p. 112).

DO USO DO ECRÃ: AS VOZES DOS NATIVOS DIGITAIS

Etnografia dos espaços exteriores, dentro e à volta da escola

Os espaços exteriores, dentro dos portões da escola eram pouco mais do que zonas de passagem para pequenos grupos que se passeavam enquanto conversavam. Estivemos no corredor principal para observar o que se pode chamar de um

ambiente escolar habitual, ou seja, jovens, correrias, brincadeiras, gritos, mochilas pelo chão, casais de namorados, professores, auxiliares, toda uma dinâmica esperada de num ambiente escolar onde três em cada cinco jovens que passavam estavam com o telemóvel na mão pronto a ser usado a qualquer momento. Alguns jovens traziam também os chamados *phones* para poderem ouvir música, algo que nos fez pensar, no primeiro dia em que estávamos a observar no bar da escola. Reparámos no sistema de som montado e que estava visivelmente inutilizado e desleixado, percebendo que de facto não fazia muito sentido que houvesse uma música comum para todos ouvirem quando cada um tem a possibilidade de ouvir o que quer, quando quer, sem que tenha que partilhar com alguém. A música, uma arte conhecida por aproximar as pessoas e por ser um potencial instrumento de mediação intercultural terá, neste caso, o efeito oposto? Fica a interrogação.

Num café, perto da escola, frequentado pelos jovens estudantes, aproveitamos para observar os seus comportamentos fora do ambiente escolar. Os telemóveis sempre em cima da mesa para que quaisquer notificações que surjam não passem despercebidas. Uns jogam, percebemos que numa mesa estavam dois jovens a jogar no mesmo telemóvel, um contra o outro. Noutra mesa com sete jovens, uns estudam no papel, outros veem vídeos no telemóvel e mostram-nos ao grupo, outros ouvem músicas, falam sobre as novidades das redes sociais. Noutra mesa está um jovem sozinho, mas ao telemóvel. Será que está ou se sente mesmo sozinho, ou está com companhia (virtual)? As conversas são tipicamente juvenis, alegres mas com bastantes referências às redes sociais, ao que foi falado, comentado, às fotos que foram postadas, por quem e quem as comentou, os vídeos que veem juntos e a forma fácil e rápida com que acedem à informação, que possibilita que esclareçam uma qualquer dúvida que possa surgir nesse mesmo momento. Percebemos por conversas e comentários que a velocidade da internet no café é bem mais rápida do que a da escola, o que faz com que, caso necessitem de fazer algo *online*, que exija mais velocidade, como ver um vídeo ou jogar *online*, se desloquem preferencialmente para este café. A escola não deve incentivar o uso da internet para este tipo de distrações que podem trazer alguns problemas no desempenho e interesse dos jovens nas aulas mas, segundo alguns comentários destes jovens, mesmo nos computadores da escola e para fins educativos, decerto, o visionamento de vídeos é muitas vezes impossível pela fraca velocidade da internet.

Ao fazer observação direta participante, na entrada da escola, percebemos que todos têm telemóvel, podendo haver uma ou outra exceção, sendo estes equipamentos atuais que permitem o acesso à internet de forma rápida e fácil. Em cada grupo observado a maioria está com o telemóvel na mão, ou a jogar, ou nas redes sociais, ou a ver vídeos, ou fotos, que depois partilham entre si. A informação entre os jovens surge de forma rápida e passageira. Será que estando num grupo rodeado

de amigos, mas apenas ao telemóvel e sem participar ativamente nas conversas é considerado uma forma de isolamento, ou será que eles não se veem com este meu olhar? Procuram os jovens mais retraídos, socialmente, no telemóvel, alguma forma de se sentirem integrados? Ou estaremos nós apenas inevitavelmente munidos de pré-conceitos? O telemóvel parece algo que faz parte do corpo, como um prolongamento dos dedos da mão, que se sente incompleta, sem «um dedo» (McLuhan, 2005).

Tudo nos parece, de uma forma geral, natural para um ambiente escolar, as conversas, os grupos, as atitudes, nada sugere grandes alterações nos comportamentos e na convivência dos jovens da Era Digital, o que contraria de alguma forma grande parte das leituras que fiz, da literatura existente sobre o tema. Estarão os jovens nativos mais desligados, mais desumanos?! Neste momento não se observa isso, vemos apenas jovens a serem jovens e onde as tecnologias têm uma grande influência nas transformações a que assistimos, mas não de uma forma tão radical que os desumanize ou que os torne numa geração desligada do mundo real. Os hábitos vão mudando ao longo do tempo acompanhando as transformações tecnológicas, mas a identidade do ser jovem parece manter-se. De qualquer forma, quem observa de fora não consegue não estranhar o facto de estar um grupo na mesma mesa onde nenhum deles levanta a cabeça para se olharem entre eles e não conversarem. Apenas teclama e olham para os ecrãs dos telemóveis.

No bar, reparámos num grupo de 7/8 jovens entre 17/18 anos que estavam quase todos ao telemóvel. Pedimos para nos sentarmos com eles e foram muito recetivos à nossa presença, interação e conversa. Percebemos que consideram a internet e as redes sociais como algo útil para passar o tempo quando não têm mais nada que fazer e preferem estar todos juntos e conviver face-a-face. Perguntámos se conseguiam estar um dia sem aceder à internet e a resposta inicial foi sim, mas depois de pensarem disseram que só seriam capazes de o fazer se estivessem a fazer algo interessante e que os distraísse da necessidade de estarem *online*. Verão, os jovens na internet, um escape à monotonia, uma distração, uma companhia?! Depois de alguma conversa bastante pertinente, percebemos que talvez a importância das redes de convivência digitais vá sofrendo transformações consoante as idades e com as mudanças nos seus projetos de vida. Agradecemos a disponibilidade e abertura para estarem a conversar connosco e despedimo-nos deles desejando-lhes boa sorte para o futuro.

Passámos por um grupo de jovens sentados na entrada da escola do lado de dentro e todos ao telemóvel. Pedimos permissão para nos sentarmos com eles, perguntámos-lhes se nos podiam dizer o que estavam a fazer nos telemóveis e responderam que estavam a jogar futebol na net, e só não estavam a jogar uns contra os outros «porque a net na escola é fraquinha». Perguntámos-lhes se costumavam

conviver entre si *online* e em que circunstâncias. Responderam que só o faziam quando não estavam na escola e quando não podiam estar juntos, também privilegiando a convivência face-a-face. Tal como o grupo anterior, também frequentam o 12.º ano, portanto com idades entre os 17/18, portanto. Será a idade um fator que influencia a forma de se relacionarem com a internet e a importância que lhe é dada?

À conversa com duas jovens de 16 e 17 anos do curso profissional de cozinha e pastelaria... apesar de estarem as duas ao telemóvel, estavam juntas e disseram que estavam nas redes sociais, mas que privilegiam a convivência cara-a-cara. Afirmaram que não conhecem da mesma forma uma pessoa se for apenas *online* com a justificação de não poderem dessa forma interpretar sinais, linguagem não-verbal perceptível apenas quando estão em contacto direto. Referiram também que consideravam que as tecnologias deverão ser bastante mais prejudiciais para as crianças de 2/3 anos que já têm um Tablet e que crescem sem conhecer outras formas de brincar e conviver que sejam mais apelativas. Consideram que na idade delas não será tão fraturante pois ainda cresceram sem tecnologias ou com pouco acesso a elas, mencionando também que poderá haver uma ou outra exceção de vício excessivo no telemóvel mas que não conhecem ninguém pessoalmente que esteja nessa situação. Novamente referem o uso do telemóvel apenas para passar o tempo, ou se não houver nada mais interessante para fazer, sem que este uso se manifeste como uma necessidade essencial. O facto é que a necessidade de ter o telemóvel sempre à mão parece fundamental à luz do que se foi observando.

Conversando com duas jovens de 15 anos no bar, começámos pelas apresentações e dissemos o que estávamos ali a fazer e qual a pertinência da nossa investigação. Depois iniciámos uma conversa muito interessante sobre a escola referindo que estavam este ano numa escola nova pois vieram da escola preparatória, onde afirmam que estavam mais ligadas às redes sociais para postarem fotos ao ar livre e agora nesta escola já não o faziam tão regularmente pois a escola é mais fechada e mais cinzenta, costumam utilizar a internet mais para ler livros, numa aplicação que têm de leitura, e que, apesar de disso, não eliminaram a leitura tradicional de livros do seu quotidiano, como nos mostraram depois com um livro que tinham na mala. Falaram-nos também que utilizavam as redes para comunicar com pessoas do outro lado do mundo, mais concretamente com Macau, onde contactam com culturas diferentes e treinam o inglês e o mandarim. Percebemos que são jovens muito interessadas em informações históricas e em conhecer culturas diferentes mostrando um gosto em estarem atualizadas sobre tudo o que se passa no mundo. Uma delas referiu que tem uma amiga que conhece apenas *online* e que vai conhecer pessoalmente num encontro de jovens que vai acontecer no verão, um evento onde os fãs de *KPOP* (música pop coreana) se vão reunir. Relativamente à

família, questionámo-las sobre como a mãe e o pai se relacionam com o uso das tecnologias. Disseram que a mãe, ao contrário delas, utiliza o *facebook* diariamente e referiram que quando usavam mais as redes sociais havia um controlo dos pais e que uma delas, uma vez, ficou de castigo, sem telemóvel por ter postado algo inconveniente. Também nessa fase tinham que deixar os telemóveis na cozinha antes de irem dormir, ou seja, não lhes era permitido o uso do telemóvel no quarto, o que, segundo elas, era complicado pois todos os colegas podiam estar *online* até mais tarde menos elas. Referiram que como pertencem ao grupo de escuteiros, passam vários dias sem telemóvel e, por isso, não sentem tanta necessidade de o ter sempre acessível. Mas quando voltam a ter o telemóvel passados esses dias, passam horas a atualizar-se. Ou seja, por passarem muito tempo sem o telemóvel, sentem-se desatualizadas, excluídas e desligadas do mundo. Outro dado curioso foi o facto de referirem que já não viam televisão há mais de um ano pois preferem ver apenas o que querem no computador, as séries, os documentários, os vídeos, a música, por ser mais rápido e prático. Indicaram que quando eram mais novas (13/14 anos), viviam as redes sociais mais intensamente e que agora mais velhas já não lhes dão a mesma importância nem se identificam tanto, não vendo nestas grande utilidade, apesar de se manterem mais ou menos ao corrente do que se passa, acham ridículo, por exemplo, que se postem aquelas mensagens no *facebook* de como se estão a sentir, em que estão a pensar, os recados indiretos para os outros, etc. Preferem conviver sem se isolarem muito, portanto consideram que quem passa o tempo todo nas redes, isola-se e precisa de atenção, procurando-a ali. Mencionaram que conhecem um caso de uma rapariga da mesma idade que fez uma amizade *online* que se revelou perigosa onde outra pessoa não era quem dizia ser e como consequência essa rapariga estava impedida de ter qualquer acesso à internet, quer pelo telemóvel quer pelo computador. Esta situação pô-las alerta para os malefícios existentes na internet e estão sempre atentas a este tipo de contactos que sabem que existem.

O CASO DO DANIEL: A CRÍTICA AO DUALISMO REAL vs. VIRTUAL

A entrevista realizada com o Daniel¹⁶ consistiu numa entrevista exploratória, como dissemos, e a principal ideia era aprender a fazer perguntas contextualizadas com o pensamento destes jovens e não surgir com perguntas de imigrantes

⁽¹⁶⁾ O Daniel, frequentou a escola secundária Engenheiro Acácio Calazans Duarte até ao 12.º ano e é, hoje (ano letivo de 2018/2019), estudante da Universidade de Lisboa. A sua entrevista, como já foi referido, é provavelmente a mais reflexiva das três, por se tratar de um jovem que tem um pé em cada uma das margens, um na escola de ontem, outro na escola de hoje, e poder, assim, falar comparativamente e com mais distanciamento.

digitais. Assim, posicionados num lugar de fronteira, assumimos uma postura mais enquadrada num contexto que nos era estranho.

O Daniel, de 18 anos, concordou com a realização desta entrevista, que decorreu na sua casa, e prontificou-se a colaborar na investigação sendo já conhecedor da temática da mesma.

Quanto às questões iniciais, percebemos, ao longo da entrevista, que estavam elaboradas de forma adultocêntrica, ou seja, foram naturalmente elaboradas sob o nosso ponto de vista, externamente posicionado, deslocado do universo dos jovens da Era Digital e da forma como interpretam os seus comportamentos, obstáculo que procurámos ultrapassar tal como descrito na metodologia.

Este jovem enfatizou, ao longo da entrevista, o facto de as pessoas que estão fora do contexto jovem terem a tendência para dividir os mundos, real e digital, quando na verdade, para ele são um só:

[...] quem vê isso de fora, quem não usa a internet para essas coisas... internet, pronto as novas tecnologias, não usa para socializar e pensa que esse método para socializar não é válido. Grande parte... Mas para mim é tão válido como se estivessemos cara a cara [...].

Assim, pudemos refletir sobre esse assunto no sentido em que, pensando como Imigrantes Digitais, estamos predispostos a dividir os mundos, real e virtual, quando, efetivamente, este Nativo Digital, que cresceu com a Internet sempre acessível, considera apenas um espaço onde existimos de várias maneiras, mas sempre coexistindo no mesmo mundo. Não distinguindo, portanto, mas interligando todo o tipo de convivência.

Para este jovem, as redes sociais são apenas mais um meio para facilitar a comunicação quando não é possível estar com os outros pessoalmente. Um meio e não um fim:

Pessoalmente não vejo a diferença entre falar atrás de um computador e falar cara a cara. A diferença é que as pessoas que não conseguem, tão facilmente, dizer cara a cara conseguem dizer no computador. Mas as pessoas que conseguem dizer cara a cara conseguem dizer no computador. E estas pessoas podem ser interpretadas como as que não conseguem dizer cara a cara...

No entanto, quando contacta com pessoas que nunca conheceu pessoalmente, mas apenas *online*, a opinião já se altera:

Eu, por exemplo, jogo um jogo em que eu quase todos os dias falo com um francês e jogo com ele e nunca o vi e tratamo-nos bem... [...] Repara, posso falar com ele quase todos os dias, mas é um gajo que conheci na internet eu não o conheço,

se ele morrer não me vai acontecer nada. A relação pela internet, não é uma relação muito íntima é quase o oposto de íntimo, é a relação mais superficial que pode haver, pelo menos assim pelo chat, estás a ver, e é assim que eu falo com ele... se morrer amanhã não me acontece nada. Pronto não há aquela interdependência como eu tenho com um amigo de infância...

Para Daniel, o uso das redes sociais aproxima quem já se conhece, mas mantém distante quem nunca se conheceu. Após referir esta frase levantámos a questão: «se acontecer algo à pessoa que está do outro lado é como se ficasse apenas *offline*, sem levantar qualquer questão ou preocupação sobre o seu bem-estar...?»

Relativamente o tema desta investigação, Daniel refere que

é um tema extremamente complexo que é preciso ser abordado de várias maneiras para que no futuro não haja esta diferença cognitiva entre as gerações. Os instrumentos que nós usamos agora são tão diferentes dos instrumentos de há 30 anos e provavelmente daqui a 30 vão ser ainda mais diferentes dos que são agora. E acho que os jovens agora não devem ser só educados a tentar usar novas tecnologias, devem ser educados nas novas tecnologias e na própria evolução das novas tecnologias. [...] Por isso é que este tema é extremamente complicado, porque ninguém está qualificado para intervir, porque ninguém acompanhou o desenvolvimento das novas tecnologias desde o computador até agora e essa evolução é muito complexa. Para transmitir isso aos jovens acho que é uma missão muito difícil. [...] Sim se calhar os da minha faixa etária são os mais qualificados a falar disso...

A resposta do Daniel demonstra que este compreendeu o objetivo desta investigação, e a possibilidade de podermos, investigador e investigado, produzir conhecimento relativamente a um tema tão complexo, como o próprio refere, e onde a voz dos que são estudados é ouvida para que a barreira entre imigrantes e nativos se esbata (Vieira, 2014).

Ao longo da entrevista foram surgindo questões que não estavam no guião, mas que considerámos adequadas e pertinentes, alterando-se, assim, o que estava inicialmente pensado pois a forma como tinham sido estruturadas as questões não fazia sentido para o Daniel. Apesar dessa percepção, no ato da transcrição também nos apercebemos da forma inteligente como o Daniel respondeu, o que agradecemos, como dádiva reflexiva numa tarde cheia de sol que sugeria coisas bem mais interessantes para um jovem fazer.

Quanto à questão das relações interpessoais dos jovens nativos da Era Digital, Daniel conta que

ver uma pessoa *online* não é a mesma coisa que estar na companhia de uma pessoa e esse valor transmite-se para as relações e a maneira como as pessoas veem esse

valor fazem com que elas façam esse julgamento que as relações *online* são menos importantes e assim...

Contra os estereótipos sobre os jovens do mundo contemporâneo, que apontam muito para a ausência de reflexão sobre o excesso das suas práticas de uso das tecnologias multimédia, Daniel é bem claro ao reconhecer que falar com alguém *online* não é a mesma coisa que estar com ele próprio, mas até pode ser se ele já conhece quem está do outro lado.

Quanto ao futuro das novas tecnologias refere:

E repara... isto da internet acho que é algo semelhante à invenção da imprensa, porque através da imprensa podiam-se fazer muitos mais livros do que à mão e começaram a criar muitos livros... por isso os humanos que nasceram depois disso tinham muito mais acesso a informação e a conhecimento, por isso conseguiam avançar ainda mais. E agora com as novas tecnologias temos uma velocidade de partilha de informação que é estrondosa [...] O aparecimento das novas tecnologias não foi só o acesso à informação que foi mais fácil, mas o acesso à informação do passado, ou seja [...] E não é só isso, os erros que as outras pessoas cometeram no passado agora dá para a vida de quase todas as pessoas o que estão a viver agora, daqui a 50 anos vai dar para ver tudo o que eles fizeram quase todos os dias... Agora com a cena dos n.ºs contribuintes, multibancos isso tudo dá para controlar uma pessoa [...] Sim e imagina que há agora um génio qualquer tipo Einstein, no futuro os historiadores vão conseguir dizer a história da vida dele muito mais detalhada do que nós vimos agora no canal história e muito mais plausível.

Toda esta entrevista exploratória serviu para alargar horizontes para que olhássemos para toda a temática das novas tecnologias e, em particular, para este tema das relações interpessoais com um olhar menos distante e mais contextualizado com o pensamento dos jovens nativos digitais, pois, por vezes, o que pensamos que está do outro lado é pior do que o que é na realidade.

Numa última referência à entrevista/ reflexão com o Daniel convém justificar, agora de forma mais expressa, o subtítulo atribuído a este caso: a crítica ao dualismo real *vs.* virtual. No fundo, quando começámos esta entrevista avançámos com uma categoria dicotómica (real *vs.* virtual), que o entrevistado veio a criticar ao longo da conversa (Burgess, 1984), argumentando que quem está de fora tem um discurso dualista, que ele chama da existência de dois mundos, quando na verdade ele considera que para os jovens nativos digitais só existe um.

O CASO DO CARLOS: O EU AMBIVALENTE

O Carlos foi o primeiro jovem entrevistado após a entrevista exploratória e o trabalho de campo já feito na sua escola, de forma mais estruturada e mais enquadrada, no sentido de ir ao encontro do que se pretendia e ao mesmo tempo utilizando questões com sentido para o entrevistado. O Carlos partilhou algumas reflexões que teve sobre a forma como a vontade de jogar no computador funcionava como um hímen não permitindo que ele se dedicasse a qualquer outra atividade e convívio com amigos que preferiam jogos ao ar livre. Refletindo sobre a convivência entre os jovens perguntámos se ele alguma vez se tinha sentido prejudicado relativamente aos amigos por passar tantas horas em frente ao computador. A resposta saiu pronta e na hora:

Já, já se afastaram alguns amigos que não têm a mesma intenção de passar o mesmo tempo que eu passo na internet, preferem fazer outras coisas, que eu também preferia antes e que deixei de preferir por causa da internet e ficar muito apegado a isso, se calhar fui perdendo, não perdendo os amigos, mas perdendo as atividades que fazia com eles e deixei de fazer por causa da internet, por estar agarrado ao computador o dia inteiro, por exemplo eles iam para a praia e eu ficava no computador. [...] Ya, é tipo isso, é estranho, não sei explicar, já refleti, mas ... por acaso arrependo-me, mas ...

Como destacamos com o subtítulo construído para o Carlos, ele revela aqui a sua ambivalência quanto à escolha que sentiu que fazia constantemente, isto é, via-se de tal maneira apegado ao computador e aos jogos que não conseguia afastar-se, mesmo que tivesse muita vontade de o fazer. E de forma consciente permanecia contrariado, mas imóvel, em frente ao computador, deixando de conviver com os seus amigos, os quais, conseqüentemente, se foram afastando de forma gradual. O Carlos demonstra, nesta entrevista, arrependimento por não ter aproveitado para sair e divertir-se com os amigos. Trata-se de um jovem de 15 anos que se mantinha por horas, diariamente, a dedicar-se apenas aos jogos de computador e de, apesar de se questionar da razão disto acontecer, acabava por ceder sempre à tentação. Mas não podemos limitar a identificação deste jovem apenas a este facto. Demonstrou que é também um jovem reflexivo sobre os seus comportamentos, preocupado com o seu futuro, sensível no que diz respeito aos problemas pelos quais colegas seus passaram relacionados com o uso abusivo da internet e cyberbullying, o que mostra que mesmo estando sempre *online* este jovem não deixa de estar atento ao que acontece no «mundo real», ao contrário do que refere alguma literatura (Lipovetsky, 2013; Lévy, 2000; Turkle, 2011).

No que diz respeito à sua visão relativamente às relações interpessoais da Era Digital, Carlos conta que:

[...] fisicamente tu conheces as pessoas, sabes os costumes, o que é que elas gostam, não gostam. [...] quando conheces fisicamente sabes que é mesmo verdade, se for pela internet pode não ser assim tão veredito como eles dizem né? É diferente, fisicamente para mim é muito melhor, não tem nada a ver com uma relação começada na internet.

Este é o caso de um jovem que, neste momento, prefere o contacto direto com os seus amigos pois considera ser mais verdadeiro, mais real, comparando com o contacto *online*. E quanto aos hábitos dos seus pais na era pré-digital, Carlos considera que estes eram mais felizes pois brincavam na rua uns com os outros e criavam laços mais fortes entre si.

Era diferente, eles tinham outra coisa, trabalhar, naquela altura trabalhava-se, não era como nós, que chegamos a casa temos computador e temos internet, temos tudo para fazer [...] tinham que trabalhar, ajudar os pais, hoje também se podia fazer isso, né? Podia se fazer igual, mas é diferente, não sei [...] Provavelmente eram mais felizes do que nós. [...] Não sei, provavelmente acho que deviam ser muito mais felizes do que nós, muito mais, muito mais, mas mesmo muito mais felizes do que nós mesmos, não havia internet divertiam-se. [...] Era com os amigos, eram amigos físicos, fisicamente, não havia cá computadores, não iam à internet, tinham outros passatempos, provavelmente eram muito mais felizes do que nós, eu acho.

Creio que nestas afirmações o Carlos esteja a pensar mais na questão da liberdade que existia no tempo em que os seus pais eram crianças, há 30/40 anos, quando estes podiam ir brincar e estar uns com os outros sem que houvesse um controlo e pressão por parte dos adultos desse tempo. E que atualmente as crianças brincam muito menos na rua e muito mais dentro de casa, onde estão sempre debaixo do olhar de algum adulto, o que faz com o conceito de liberdade para brincar esteja mais estreito.

O CASO DO BRUNO: LIVRE DA REDE

O Bruno foi um jovem que entrevistámos também nos mesmos moldes da entrevista feita com o Carlos, e que nos deu algumas dicas sobre as restrições presumivelmente impostas pelos seus pais, durante a nossa abordagem inicial. Essas dicas, essas sugestões, levaram-nos a crer inicialmente que ele teria algum controlo exagerado por parte dos pais para aceder à internet. A entrevista como espaço de descoberta veio a desvanecer esta ideia inicial de poder ser um jovem muito preso à rede familiar, pois quando o questionámos diretamente em relação à questão dos

conflitos que poderia ter com os seus pais, apenas nos disse que não, mas sem mais explicações. Ficámos reticentes quanto à divulgação desta entrevista para explorar nesta pesquisa mas depois pensámos que seria uma forma de trazer um caso diferente dos outros, em que este jovem acede pouco à internet e gosta mais de conviver com os seus amigos ao ar livre e sem estar constantemente *online*, sendo amigo de outros jovens que, pelo contrário, passam horas e horas presos às redes digitais. Nas suas próprias palavras, e ao modo etnográfico e biográfico (Marques et al., 2016, pp. 130-144),

Não costumo passar muitas horas seguidas, é... normalmente ando com o telemóvel no bolso e de vez em quando vou... vou usando para consultar a internet. [...] Sim, porque eu só uso... eu uso o telemóvel, mas é moderadamente, não estou sempre a usar. É só quando preciso.

Neste caso, a questão das relações interpessoais na Era Digital não se impõem de uma forma tão evidente assim. Depois de referir que não mantém contacto com pessoas que conhece apenas *online*, refere que: «Não sei, como nunca vivi isso não sei, mas... acho que não seria tão... tão real, não conhecer e não ter a certeza se essa pessoa existe mesmo. [...]»

Quanto à questão da possibilidade da perda da capacidade dos jovens utilizarem a linguagem não-verbal também como uma forma de comunicarem (Vieira, 2011, pp. 110-118), o Bruno refere:

Eu acho que não porque até, hoje em dia dá para exprimir bem por causa dos *emojis* e isso tudo, acho que é fácil também de [...] é mais fácil com os *emojis* e isso... antes era mais difícil... quando era por mensagens e era só texto, era diferente.

Com a existência dos *emojis* a comunicação através da linguagem não-verbal mantém-se mesmo à distância. As tecnologias estão numa constante e rápida evolução. De um ano para o outro as transformações que acontecem são inúmeras e esta foi uma delas, os *emojis*, bonecos que expressam as emoções que não eram possíveis de reproduzir sem ser por palavras, surgiram para enriquecer a comunicação *online*.

A propósito disso, António Sacavém (2014) refere que

enquanto expandimos a inteligência emocional, tornamos mais conscientes os processos automáticos e conseguimos responder melhor, mais rapidamente e de forma mais criativa. A linguagem não-verbal assume-se, então, como um ingrediente essencial para o processo global de comunicação e, assim enquadrada, é uma via suficientemente robusta e poderosa para, em conjunto com as palavras,

criarmos relacionamentos mais autênticos, sustentáveis e felizes, na empresa e na família (p. 17).

Muitos outros estudos podiam ser aqui também citados a propósito de referências ao empobrecimento do vocabulário com o desenvolvimento da imagem na comunicação e ao desenvolvimento de novas literacias (Sartori, 2000; Seixas, 1997; Lévy, 2000; Popper, 1995; Santos, 2000; Veen e Vrakking, 2009; Reis, 2002; Torres, 1998) mas agora o tempo é já de necessariamente caminhar para a meta final deste capítulo.

De qualquer forma, aquela reação espontânea que surge aquando de um qualquer acontecimento ou ação pode, ou não, ser reproduzida, dependendo da escolha da pessoa que a está a transmitir. O que faz com que a espontaneidade se perca pelo caminho, quando é pensada não respondendo a uma questão inicial: seremos diferentes quando estamos a comunicar diretamente com o outro em comparação a quando estamos «escondidos» atrás do computador pois permite-nos ter uma reação e expressão completamente oposta ao que poderemos estar a escrever e a partilhar na internet?

O Bruno é um jovem que, apesar de não estar sempre *online*, recorre ao telemóvel, um dispositivo muito utilizado pelos jovens de hoje, para se manter atualizado nas redes sociais. Quanto às diferenças entre o seu dia-a-dia de hoje e o quotidiano dos seus pais quando tinham sua idade, o Bruno refere:

Sim, eu acho que eles antigamente tinham... conviviam muito mais do que agora, porque agora as brincadeiras acabam por ser mais nos computadores, em casa e... antes não. Antes iam todos para a rua e isso [...] Eu acho que era melhor. [...] Porque... acho que assim conhece-se muito melhor as pessoas e criam-se muitos mais amigos se for assim do que se for por Internet.

A opinião do Bruno assemelha-se muito à do Carlos, relativamente ao facto de ambos considerarem que os seus pais eram mais felizes e conviviam mais, e que agora as brincadeiras são mais dentro de casa, mais presos às redes digitais e, curiosamente, mais presos à rede familiar, ainda que em silêncio, numa espécie de convivência desligada. É curioso como estes jovens têm a noção de que são mais felizes ao ar livre, mas mantêm-se em casa, em frente ao computador sem se questionarem muito sobre o porquê. Está nas mãos deles a escolha... Ou não?

NOTAS CONCLUSIVAS

Os estudos sobre os jovens na Era Digital, apesar de estarem na «moda», são escassos do ponto de vista da perspectiva desses mesmos jovens nativos como mos-

tramos na revisão da literatura. Muitas vezes, sempre que se estuda um mundo diferente, estranho, antropologicamente falando, alguns investigadores avançam munidos de categorias apriorísticas as quais se desmoronam quando percebemos que «o que pensamos ser está muito distante do que realmente é». Isto é, poderíamos procurar perceber até que ponto os jovens com 15/16 anos que frequentam hoje a escola secundária habitam dois mundos, culturalmente falando, um da convivência tradicional face-a-face, como a geração anterior à Era Digital, e um outro, dentro ou fora da escola, onde as formas de convivência se restringem, principalmente, ao que necessitamos de chamar de convivência virtual. Optar por este tipo de estudo seria optar por um paradigma verificativo que não era o pretendido pois tencionávamos ir além do experimentalismo restrito. Pretendia-se obter um conhecimento mais alargado, compreensivo e de descoberta a partir do estudo da alteridade, considerando os contextos sociais e psicológicos e formas de interpretação que ultrapassam o método científico positivista (Boavida e Amado, 2006).

Ao longo das leituras que foram feitas, identificámo-nos mais com uma perspetiva da descoberta, um paradigma indutivo, que se centraliza em tentar não levar pré-noções, pré-conceitos, para questionar estes jovens, mas, antes, numa conversa mais espontânea e aberta, procurando descobrir a perspetiva «do outro» em relação à forma como veem os laços de convivência que criam.

Concluimos que nem sempre os jovens nativos da Era Digital se consideram mais desligados do mundo real por estarem sempre *online*. A problemática assentou numa primeira questão orientadora, «como convivem os jovens da Era Digital, esses jovens nativos, na escola e fora da escola?» que acabou por estar sempre presente em todo o trabalho de campo, quer na observação direta e participante, quer nas entrevistas realizadas. Numa perspetiva etnográfica, hermenêutica e fenomenológica (Amado, 2013; Vieira, 2014; Silva, 2003; Silva, 2009), qualquer que seja o tipo de convivência que se venha a descobrir não é nem mais nem menos humana do que aquela a que estamos habituados. É, possivelmente, diferente, mas apenas isso.

O trabalho de campo realizado com os jovens nativos digitais, dentro do espaço escolar e no espaço periférico à escola onde eles buscam um acesso livre e ilimitado à internet, bem como as entrevistas como conversa realizadas com os mesmos, mostra que a imagem que os jovens têm de si, a identidade pessoal ou auto-identidade, não é tão coincidente com a imagem que os adultos têm dos mesmos, a identidade social (Vieira, 2009).

A pedagogia social e a mediação intercultural sensibilizam para o paradigma da complexidade (Vieira A. e Vieira R., 2016), para que tomemos consciência da incompletude que nos rodeia, incluindo a nossa própria. A tensão e o conflito são dimensões naturais e fundamentais na convivência humana e são potencialmente

geradores de mudança, desenvolvimento e criatividade. As escolas, os alunos e a comunidade convivem desde sempre no meio de diferenças socioculturais que podem gerar tensões e conflitos. São comuns em muitas escolas, diversos tipos de comportamentos e atitudes que interferem com o clima relacional e com a aprendizagem, casando medo e absentismo, não apenas entre estudantes, mas, também, entre professores ou outros profissionais da escola.

Também aqui, no diálogo e anti diálogo, na compreensão e incompreensão entre nativos digitais e imigrantes digitais a mediação intercultural é, do nosso ponto de vista, fundamental a mediação, quer do ponto de vista preventivo, quer do ponto de vista resolutivo, quer da aprendizagem pela troca, em género de construção de uma cultura de paz como referem Jares (2007) e Torremorell (2008), entre outros.

Após a descrição feita de cada um dos três casos estudados propusemo-nos comparar o que dizem estes jovens nativos digitais relativamente a estas questões, por forma a se concluir haver por unanimidade de pensamentos ou, pelo contrário, diferentes respostas às mesmas questões. Estes jovens, com idades entre os 15 e os 18 anos, partilharam as suas opiniões, de forma a serem aqui exploradas, analisadas e comparadas. Tendo em conta que todos eles utilizam a internet pelas mais variadas razões, uns mais do que outros, Daniel realça que:

Se eu não tivesse internet não conseguia estudar, porque tenho a plataforma dos apontamentos, se não tivesse acesso à plataforma não conseguia estudar. E também uso a internet como entretenimento.

Para jogar: «[...] Eu por exemplo jogo um jogo em que eu quase todos os dias falo com um francês e jogo com ele e nunca o vi e tratamo-nos bem...».

Para contactar com os amigos:

[...] eu agora falei nos jogos, mas também há essas nas redes sociais, por exemplo, eu tenho muitos amigos que já não vejo desde a escola e só comunico com eles só no snapchat e pelo facebook, por exemplo.

Carlos refere que é raro utilizar a internet para estudar já que os jogos ocupam grande parte do seu tempo ao computador bem como a comunicação à distância com os pares:

para falar com os amigos, com a namorada ou para jogar, mais nada, quer dizer e ver vídeos às vezes, mas é mais jogar e falar. [...] Só se for para ir ver os apontamentos que os stores mandam, senão nada mesmo, tipo pesquisas e isso não, não costumo.

Já o Bruno refere que

uso as redes sociais... quase só...

Quanto à questão relativa à possibilidade de estarem sem internet, Daniel e Carlos referem que seria muito complicado. Já o Bruno refere que não teria problema algum com isso.

O facto de estarem ligados à internet enquanto estão na escola também é algo considerado natural, nos três casos, e também no caso dos jovens com quem conversámos na escola. De referir, contudo, que alguns dos jovens com quem interagimos e falámos durante o trabalho de campo realizado na escola referiram que, por vezes, se deslocavam ao café perto da escola para acederem à internet para jogarem ou para acederem a um qualquer documento que exigisse uma internet mais rápida.

Quanto à questão da convivência dos seus pais quando eram jovens, em comparação à deles, os jovens de hoje, o Carlos e o Bruno referem que os seus pais eram mais felizes pois não ficavam em casa o dia todo como eles, brincavam na rua e divertiam-se muito mais. Sendo que esta pode ser uma ideia transmitida pelos seus pais e não ser propriamente o que pensariam se assim não fosse.

Relativamente às situações que conhecem sobre *cyberbullying*, os três respondem que nunca aconteceu com eles, mas todos referem que conhecem alguém na turma que foi numa determinada altura vítima deste tipo de *bullying*. Falando do isolamento social, o Daniel e o Carlos referem que também tiveram colegas de turma que deixaram de conviver com os amigos, na escola, no café, para estarem sempre no computador, principalmente para jogar.

Quanto à possibilidade de os jovens nativos digitais estarem a perder o tato humano, retirámos a ideia, quer das entrevistas, quer da observação, que serão poucos os jovens que perderam a sensibilidade e a preocupação com o que acontece à sua volta, no mundo «real». Na interação com todos estes jovens nativos digitais percebemos que grande parte das questões que acompanharam esta investigação eram o resultado de reflexões críticas alusiva às leituras realizadas e que não fazem muito sentido tendo em conta que estes jovens são seres humanos iguais a todos os outros, com a particularidade de viverem na Era Digital, muito diferente da Era «Analógica», onde a informação lhes «escorre pelos dedos» a uma velocidade tal que os Imigrantes Digitais não têm forma de acompanhar, o que resulta em desconhecimento, desconfiança, distanciamento e incompreensão relativamente aos hábitos e comportamentos dos jovens.

Por exemplo, o Daniel refere que

[...] Eu, por exemplo, já joguei vários jogos e para aí no 10.º ano vinha para casa e jogava «metin» e aquilo era um mundo lá dentro. Eu via-me como a personagem que jogava, eu vi-a mim na personagem, no boneco e por isso também posso dizer que eu já considerei o mundo virtual como real. Mas isso não faz de mim uma pessoa que não existe no mundo real.

Daniel, que considerámos um jovem reflexivo, enfatiza aqui a dualidade do virtual e do real, como dois mundos que muitas vezes se fundem e se confundem, o que se pode tornar perigoso. De salientar aqui, mais uma vez, a questão destes jovens estarem na fase da adolescência, da construção saudável da sua identidade. Terem espírito crítico e reflexivo é essencial para que, em situações de excesso, num certo momento, sempre com alguma supervisão (pais, família, adultos de referência, amigos, escola), possa haver uma intervenção social preventiva, uma mediação intercultural adequada por parte de profissionais preparados para o efeito. Efetivamente, quanto menores forem os fatores de risco, menor a probabilidade de acontecer algo mais grave e determinante na construção da sua identidade e personalidade.

Portanto, é necessário pensar com estes jovens nativos digitais, antes de recorrer a mais olhares adultocêntricos. Urge compreendê-los, dialogar com eles, perceber a sua perspetiva (Geertz, 1979), na direção de uma cultura para a paz (Jares, 2007), prevenindo as incompreensões e os conflitos intergeracionais.

Por fim, é de reforçar que este estudo constituiu apenas um contributo para o conhecimento da perspetiva dos jovens, pela voz particular de três casos e através das conversas informais com outros durante o trabalho de campo.

Dada a importância do tema, considera-se que muito há ainda que percorrer no campo da investigação nesta área sendo, portanto, um campo fértil de trabalho para outros investigadores e para pesquisas futuras sobre a compreensão da juventude e sua relação com as literacias multimédia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, J. (2013). *Manual de Investigação Qualitativa em Investigação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- AMADO, J., e FERREIRA, S. (2013). Estudos (auto)biográficos – Histórias de Vida. In J. Amado (Org.), *Manual de Investigação Qualitativa em Educação* (pp. 169-185). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- BAUMAN, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (2003). *Amor Líquido*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.
- BOAVIDA, J., e AMADO, J. (2006). *Ciências da Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

- BURGESS, R. G. (1984). *The Social Organization of Schools*. Londres: B. T. Batsford.
- CANCLINI, N. G. (2004). *Diferentes, Desiguales Y Desconectados*. Barcelona: Publidisa.
- CARIA, T. (2003). *Metodologias Etnográficas em Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- CASTELLS, M., e CARDOSO, G. (2005). *Sociedade em Rede*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- CHOMSKY, N. (1975). *Reflexões sobre a linguagem*. Lisboa: Edições 70. Disponível em 2014, de <http://copyfight.me/Acervo/livros/CHOMSKY,%20Noam.%20Linguagem%20e%20Mente.pdf>.
- COIMBRA, M. A. (2010). *(Des)humano demasiado (Des)humano*. Porto: Edições Afrontamento.
- FARIA, S., e VIEIRA, R. (2016). 6. Epistemologia e Metodologia em Mediação e Ciências Sociais. In R. Vieira, J. Marques, P. Silva, A. Vieira e C. Margarido (Orgs.), *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social* (pp. 105-124). Porto: Edições Afrontamento.
- GEERTZ, C. (1979). *From the native's point of view: Anthropological understanding*. Berkeley, Los Angeles & London: University of California Press.
- GIDDENS, A. (1992). *The Transformation of Intimacy: Sexuality, Love and Eroticism in Modern Societies*. Oxford: Polity.
- _____. (2005). *Sociologia*. Porto Alegre: Artmed.
- HALL, S. (1999). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DPeA.
- HENRIQUES, S. (2011). Educação social, literacia digital e cidadania: contributos metodológicos. *RAE – Revista Animação e Educação*, 13.
- JARES, X. R. (2007). *Pedagogia da Convivência*. Porto: PROFEDIÇÕES, Lda/Jornal a Página da Educação.
- LEVENFUS, R. S., e SOARES, D. H. (2002). *Geração Zapping e o Sujeito da Orientação Vocacional* (Orgs). Porto Alegre: Artmed.
- LÉVY, P. (2000). *Cibercultura*. Lisboa: Instituto Piaget.
- LIPOVETSKY, G. (2013). *A Era do Vazio*. Lisboa: Edições 70.
- MARQUES, J., FARIA, S., SILVA, P., VIEIRA, R., e LOPES, S. (2016). A prática da investigação no estudo da interculturalidade. In R. Vieira, J. Marques, P. Silva, A. Vieira, C. Margarido, e (orgs.), *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social* (pp. 125-155). Porto: Edições Afrontamento.
- McLUHAN, M. (2005). *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. São Paulo: Cultrix.
- MIRANDA, G. L. (org.) (2015). *Psicologia dos Comportamentos Online*. Lisboa: Relógio d'Água.
- PALFREY, J., e GASSER, U. (2011). *Nascidos na Era Digital*. Porto Alegre: Artmed.
- PONTE, C., e SIMÕES, J. A. (2015). Comportamentos Online de Crianças e Jovens Portugueses. In G. L. Miranda, *Psicologia dos Comportamentos Online* (pp. 51-80). Lisboa: Relógio d'Água Editores.
- POPPER, K. (1995). *Televisão: Um perigo para a democracia*. Lisboa: Gradiva.
- QUIVY, R., e CAMPENHOUDT, L. V. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- REIS, F. (2002). Literacia, média e cognição: algumas observações. *Educação, sociedade & culturas*, n.º 18, 87-104.

- REIS, S. (2017). *Convivência (Des)ligada*. Leiria: ESECS.
- SACAVÉM, A., WEZOWSKI, K., e WEZOWSKI, P. (2014). *A linguagem corporal revela o que as palavras escondem*. Setúbal: Top Books.
- SANTOS, J. D. (2000). *Homo Zappiens*. Lisboa: Editorial Notícias.
- SARTORI, G. (2000). *Homo Videns: Televisão e Pós-pensamento*. Lisboa: Teorema.
- SEIXAS, M. J. (1997). Mesmo nos concursos a gente aprende coisas – televisão e escola – um conflito de universos e discursos. *Educação, Sociedade & Culturas*, n.º 8, 21-43.
- SILVA, P. (2003). *Etnografia e Educação, Reflexões a Propósito de uma Pesquisa Sociológica*. Porto: Profedições.
- _____. (2009). Ethnography: a method on the razor's edge. *Problemy Wczesnej Edukacji: Issues in Early Education*, 2 (10), 46-64.
- TAPSCOTT, D. (1998). *Growing up digital – The rise of the Net Generation*. Nova Iorque: McGraw-Hill.
- TORREMORELL, M. C. (2008). *Cultura de Mediação e Mudança Social*. Porto: Porto Editora.
- TORRES, E. C. (1998). *Ler Televisão*. Oeiras: Celta.
- TURKLE, S. (1995). *Life on the screen*. New York: Simon e Schuster Paperbacks.
- _____. (2011). *Alone Together*. New York: Basic Books.
- VEEN, W., e VRAKING, B. (2009). *Homo Zappiens. Educando na Era Digital*. Porto Alegre: Artmed.
- VIEIRA, A. (2013). *Educação Social e Mediação Sociocultural*. Porto: Profedições.
- VIEIRA, A., e VIEIRA, R. (2016). *Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans)formações*. Porto: Profedições.
- VIEIRA, R. (2009). *Identidades Pessoais*. Lisboa: Edições Colibri.
- _____. (2011). *Educação e Diversidade Cultural*. Porto: Edições Afrontamento.
- _____. (2014). Life stories, Cultural Metissage and Personal Identities. *Sage Open*, 4(1), 1-13.
- VIEIRA, R., MARQUES, J. C., SILVA, P., VIEIRA, A. M., e MARGARIDO, C. (2018). *Da Mediação Intercultural à Mediação Comunitária*. Leiria: Edições Afrontamento.